

Alquimia

Fabio Rocha

Copyright © 2004 por Fabio Rocha

Registro EDA – Biblioteca Nacional:

Nome(s) do(s)	FÁBIO JOSÉ ALFREDO SANTOS DA ROCHA
Autor(es):	
Título da Obra:	ALQUIMIA
No. Registro da Obra:	323082
Livro:	591
Folha:	242
Data de Registro:	18/6/2004
Gênero da Obra:	POESIA
Obra Publicada:	Não

Título original: Alquimia

Editoração eletrônica: Fabio Rocha

Endereço eletrônico:

<http://www.fabiorocha.com.br>

ÍNDICE

1. *Capa*
2. *Dados*
3. *Índice*
4. *Prefácio – Débora Linden Hübner*
5. QUERÊNCIA
5. FAST
5. GERAÇÃO SAÚDE
6. A HENRY MILLER
7. FOME
7. AH, VOU ESCREVER
7. FERIDA
8. BALEIA
8. QUANDO CHOVE
9. PRESENTE
9. CAMINHO
9. MATRIX?
10. SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS
10. AUTO-PREDOMÍNIO PRESERVATIVO
10. O ÚLTIMO SAMURAI
11. LIGAÇÕES QUE NÃO HÁ
11. SOL E CÉU
11. SEM TÍTULO
12. VELHA DÚVIDA
12. NÃO
12. AGUADO
13. BANEIRA DO JAPÃO
13. PODA
13. BUSHIDO
13. XIII
13. EX-INTERNO
14. ORAS
15. TRILOGIA EM UM ATO
15. INEVITÁVEL
15. DESCANTO
16. SERÁ ELA?
17. CARNAVAL
18. FALE COM ELA
19. OPÇÕES
19. ADEUS EMPREGO
20. MEDO E CAPITAL
21. RECREIO
21. A PEDRA LISA
21. PALAVRA É MAIS QUE SANGUE
22. APONTAR
22. CONSELHO LIBERTÁRIO
22. CAPA VERMELHA
22. LIVRO
22. ALQUIMIA
23. ROLANTES
23. ESCREVER LAVA
23. RELEITURA FRIA EM QUARTO ÚMIDO
23. CHAMADA
23. CONSIGO?
23. MULHER DE CAMISA BRANCA E VERMELHA
NO SESC DE MADUREIRA
24. MATRIX
24. GANHOS E PERDAS
24. COMER O PASSADO FRIO
24. MOTIVO PARA CRESCER
- 25, 25, 26. AUTOBIOGRAFILHA ALHEIA
27. O OUTRO: O ENIGMA
28. VAZIO
28. TEMPO

PREFÁCIO

Percebo em Fabio Rocha um “quê de alquimista”. Aparentemente, o poeta não mistura

*“(...) o limo da árvore
ao lume acima das nuvens
pois chove (...)”*

como cita seu próprio poema. Mas vejo aquele que mistura palavras, transforma em versos e assim faz surgir poesias de muitos porquês.

Seus trabalhos trazem muitas vezes o cotidiano e a realidade de forma crua e espantosamente poética, que nos levam a um mundo à parte. Fato contraditório, mas para Fabio Rocha, possível.

Diz em *Alquimia* que devemos nos apaixonar pelo mundo. Mas várias vezes expressa a idéia e a vontade de amar-se internamente, seguir o próprio caminho, ser Deus, ser o presente, enfim, estar consigo e em si. Apesar deste sentimento, admite que não se basta e por isso se apaixonou e ama e escreve. É realista e consegue achar o encanto dos sentimentos e sentidos, expressando-se sem deixar sua escrita melodramática. Ah! E Deus lhe livre

*“(...) da sexta-feira sábado e domingo
sem uma namorada pra fugir de mim.”*

Alquimia surpreende quando encontramos, além dos poemas contemporâneos, pequenas histórias e fragmentos de contos apontados pelo poeta como “*textos sem conexão e curtos demais*”. O que me parecem? Trechos de um romance que ainda virá. Romance que o próprio poeta guarda no punho, sem talvez nem o saber. Acredito em uma prosa envolvente tanto quanto seus poemas e que despertará em seus leitores a curiosidade e o interesse ao ponto de obrigá-los não apenas a ler, mas também a devorar cada palavra em busca de um novo capítulo ou mesmo livro.

Débora Linden Hübner

<http://www.vidaemversos.blogspot.com>

QUERÊNCIA

Eu não quero competir.
Muito menos que me digam
que a vida é competir.

Quero querer.

E para isso preciso chegar
um pouco mais perto
de mim.

Falo baixo
e ando cabisbaixo...

Sou contra
baixo
e guitarra
alta.

Talvez
no fundo
do poço
eu possa
ser
pelo que escrevo
e não pelo salário mensal
que quase me suicida
involuntariamente proletariamente
hermeticamente
suicida.

Quem dera a culpa
saísse mesmo de meus ombros
para o salário baixo ou o governo fraco...

Mas sou esperto demais
para me enganar
mesmo me achando esta besta...

Ah, e Deus me livre
da sexta-feira sábado domingo
sem uma namorada pra fugir de mim.

27/11/03

FAST

Eu podia falar sobre aquele morro
baixo
com duas árvores mortas...

Eu podia falar da prostituta
de ontem
assustadora
que me avisou sobre
a casca de feijão nos dentes quentes.

Eu podia falar sobre essa vontade
louca
de morrer...

Tão grande quanto de matar
ainda mais ainda mais no Natal
que se aproxima lentamente
com suas canções
criancinhas
consumo
e neve imaginária
caindo
caindo
da puta-que-o-pariu!

No entanto,
prefiro não falar.

27/11/03

GERAÇÃO SAÚDE

Por mais que eu ande ande
na rolante esteira rolante
nunca me afasto o bastante
da minha pessoa.

30/11/03

A HENRY MILLER

Bocas fora falam muito
mas dizem pouco ao louco
rastejando na relva de pelos
feminina
e vomitando dor na palavra
como lutasse esgrima e se esgueirasse na rima
evitando a si
imitando a outro
e culpando a um terceiro.

(Evitar a si é o que todos mais buscam.)

Para isso existem outros a serem imitados - personagens de filmes,
super-heróis ou escritores apagados
e revoluções utópicas para transformar o mundo - o culpado
e poemas para serem vomitados - aliviados
e mulheres dispostas a mais do que um mero caso - namorados ou casados
tudo para deixar a culpa
da dor inicial
a culpa
da dor do parto da dor
fora de si.

Fuga de si...

O mundo é sempre o mesmo
e tão certo como morrer
é que vamos fugir
de nós mesmos.

FOME

Saiu o sol
como a palavra
de mim.

02/12/03

AH, VOU ESCREVER

Ah, vou escrever...

O mundo é esse
e Vitória é uma cidade da nação brasileira
alicerçada sobre o presente.

Não busco nada
exceto o prazer
que não tenho agora.

Nem quero título.

Esquecendo as malditas teorias alheias,
nota-se que o prazer está ligado ao outro
exceto para os monges budistas
mas não o tenho agora.

Não sou monge nem budista:
preciso de todos:
vou escrever agora
solitário
sobre meu desprazer
(o que gera um pouco de prazer).

Para que depois
alguém leia.

Para que depois
haja uma possibilidade remota
de eu não prorrogar o prazer para depois.

Para que depois
no fim da vida
eu não note que não houve prazer no antes.

FERIDA

E por que diabos vinhas
massagear-me os pés
que nem doíam?

E por que diabos não vens
agora que dóem e os tens?

02/12/03

BALEIA

Nos fins de semana
há ainda uma tensão interna intermitente
(agora leve)
que não consigo explicar racionalmente
(ombros em chamas).

Como a baleia
(lá no fundo)
sob o gelo ártico
(frio, frio, frio)
sentindo que vai acabar
o ar em seus pulmões.

07/12/03

QUANDO CHOVE

A Tanussi Cardoso

Quando chove eu chovo e molha a mão do guarda
mas isso é a típica coisa que não importa
pois a chuva chovo lágrima
e a estrada aberta à frente chama a ir adiante – sozinho – olhando as próprias pegadas
chorando a multiplicidade aquosa celeste
caindo sem fundo nem beira
besteira pensar em guardas
besteira guardar algo
tendo toda essa tristeza
lendo toda a crueza de Nietzsche
sabendo que ele tem razão.

Ao menos não quero mais mudar o mundo.

17/12/03

PRESENTE

Céu nublado no Natal.
Qual o da crucificação.

Tudo é presente.
Ando.
Basta.

Ando
agora
pra frente!

Tenho a mão
repleta de palavras
cerrada como a luz.

Não deixarei
pacato
me colocarem na cruz.

I´m back.

25/12/03

CAMINHO

Respeitosamente, respiro
sem provocar o silêncio.

Não há mais fúria
no silêncio.

Respiro
sem a palpitação do peito
nem a culpa por consumir oxigênio:
eu mereço prazer.

26/12/03

MATRIX?

“É a pergunta que nos move.”
Trinity

Já fui superior
quando me achava ínfimo.

Mas o que menos importa
é a altura dos outros
quando se voa.

Trago em mim elétrons de Jesus
prótons de Sócrates
moléculas de Buda:
não busco deus nos céus distantes.

Paraíso e inferno futuros
são passado:
Eu sou presente.

Abro o olho interno
enquanto rio da máscara no espelho
que ri de ser.

30/12/03

SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS

“Sente, Sr. Anderson.” – O Diretor

Quanto mais vazia
for a vida nas cidades
mais quentes queimarão
as paixões
nos loucos corações
que não vêm calmamente a novela das oito.

Putá que pariu, eu sei o que eu quero
faz anos que eu sei o que eu quero
não há NADA entre mim e o que eu quero
as lágrimas nos olhos quentes provam que eu sei o que eu quero
(é por querer que escolhi sem querer este filme).

- É preciso largar tudo.

06/01/04

AUTO PREDOMÍNIO PRESERVATIVO

Não, não é preciso
concentrar a paixão
num só ser alheio
(prisão
onde a gente
se desaprende
e se prende)

A vida é plena
o tempo é curto:
apaixone-se pelo mundo.

06/01/04

O ÚLTIMO SAMURAI

Sonhei com a lâmina
que vi na sétima arte
lágrima.

À tarde, pétalas de flores rosadas
planaram sobre minha calma ira.

Nem que seja para a morte
é preciso ir
e amar cada passo.

18/01/04

LIGAÇÕES QUE NÃO HÁ

Não está. Tá dormindo. Não posso. Não dá. Não fale, ouça isso... Ocupado:
Não resta ninguém. A porra da realidade é um quarto fechado abafado e um cão.
(dinossauros no Fantástico)

Quantos anos de análise me farão
ser feliz assim, Amir Klink no verão desse cubículo não meu?

- Como, ó príncipes, me bastar nos domingos de merda como este?!

Se a felicidade é interna deve estar todinha nesses ombros quentes duros e doentes.
Se ao menos eu pudesse vomitá-la em cima dos vermes destes versos
apócapos anti-religiosos com baba escorrendo e veneno queimando
que não tenho para quem mandar...

18/01/04

SOL E CÉU

Fazer cada pequena coisa
perfeitamente
requer tempo e paciência
que temos em alguma árvore perdida.

Ouçó suas folhas.

19/01/04

SEM TÍTULO

Chove lá fora.
Foda-se o mundo.

Dentro de mim, um silêncio profundo
imita as artes musicais
em plenitude instantânea com a palavra ainda não escrita.

A arte imita
a vida?

Não,
a arte cria
a vida.

Sem data

VELHA DÚVIDA

Da procura vem
o encontro.

E quando
se dá o roçar
de asas de almas
devo deixar trancada
pelos traumas
a gaveta incandescente
das paixões
das dores ardentes
dos lábios quentes tocados
do passado
ou viver o presente
e abrir?

Para Gi Na falta do que fazer
guardo a ardente gaveta
abrir, fechar, implodir, ser
o que tiver que ser
(se é que já não deveria ter sido)
sem beber aguardente
nem usar trema.

Aguardo quase gripado
a gaveta, as férias, belos horizontes...

Aguardo sentado
nos bares de sábado
com amigas semi-alcoolizadas
resistentes
à suruba semiproposta.

25/01/04

21/01/04

NÃO

Meu templo budista são estas paredes geladas
de escritório
a ameaça do telefone em silêncio
eu me procurando eu me procurando
sem entrar nem escapar
e já não sei se saio ou agradeço pelas correntes
(inexistentes?)
e a conta corrente que me enche mês a mês
esvazio
água corrente num futuro distante
água e lágrima
na razão da vazão sem razão.
(emoção?)

21/01/04

BANDEIRA DO JAPÃO

A lâmina salva
a letra exata
do ciclo vazio.

Espadas de Samurais
guardam almas.

Escrever é mais.

25/01/04

PODA

Nuvens
sobre o monte.

Flores tocam pétalas
na página
sem contaminá-la
de lâmina
nem lástima.

Luz reflete água
no metal
tal céu.

Anote
a morte
do girassol...

25/01/04

BUSHIDO

Movimentos precisos
preciosidade de aço
Katana é braço
cortante cantante
abrindo caminhos de honra
para o fim.

25/01/04

XIII

Se esperas que eu corra atrás de ti
correndo atrás de outro
possivelmente correndo atrás de outra
esqueça.

Ando cansado
meditativo como Sidarta
e chato pra caralho...

29/1/04

EX-INTERNO

Palavras borbulham
no dentro.

Lava lava algo interno
mas leva tempo
para sair.

Fogo:
dragão que voa
e só voa
quando toca
outro.

Está na palma da tua mão
a missão.

BH, 05/02/04

ORAS

Quer saber?

Não me foi cedida
pela entidade celeste
nenhuma ordem expressa
ou contrato de prestação de serviços
para mudar o mundo
ser super-herói
e ganhar dinheiro.

No fim da tarde
caminhei ao vento
e suei algumas culpas
(o corpo humano é 90% culpa e água).

Procurei respostas
ou conclusões
e encontrei o silêncio
do ponto final.

17/02/04

TRILOGIA EM UM ATO

Alguém ri em meu sonho
alguém ri de meu sonho.

Há cordas segurando punhos fechados
sangue em palavras trancadas no armário
escrita sagrada
a palavra morta
uma ou duas espadas
três ou quatro portas...

escrevo abrindo e cravando
tentando e tentando
achar o que já é.

Alguém ri em meu sonho
alguém ri de meu sonho:
eu.

20/02/04

INEVITÁVEL

Mãos vermelhas.

O caos arranha a calma
no íntimo, entanto
danço com o demônio
sob a luz do luar.

Venta a ira.

Crave a vida em minha alma
vinte e sete espadas:
não evitarei
a vigésima oitava.

Fogo.

Sem arma possível ou armadura plausível
fortaleço o etéreo
com o canto do aço
e levanto da sombra de sangue
sorrindo.

21/02/04

DESCANTO

O silêncio está
largo demais
e cobre meu sonho atônito
como uma mortalha.

Tanto, tanto...

No entanto
me habituo
a mim
sob o escuro do manto
sem canto
nem vela.

22/02/04

SERÁ ELA?

Chove.

Esse silêncio
é tão grande quanto meu.

Nele cabe
o telefone que não toca
a voz que não fala
a mão que não escreve
a procura que não acha
a dor que não pára...

A falta, a falta nada breve
que redescobri na crina do silêncio
parou de dar coices subconscientes.

Os amigos que não há...

Indomável silêncio
pó de tudo que já foi
levas a mim.

Há certa paz na dor
mas não me basto.

Queria muito, como eu queria... queria mesmo...
mas não me basto.

- Tenho o direito de não me bastar.

Que seja o amor romântico uma invenção ortodoxa para nos fazer sofrer...
Eu creio no amor romântico e na dor nada silenciosa que ele traz.
Pois não me basto.

23/02/04

CARNAVAL

Ando do quarto pra sala
da sala pro quarto
nada na TV
ninguém na internet
tento não comer biscoitos recheados de chocolate Nestlé
faço flexões, abdominais, ando na esteira
mato o invisível com o chaco e a katana
tomo banho
compro um filme na TV a cabo
ando pela casa
ninguém na internet
tento não comer biscoitos recheados de chocolate Nestlé
leio um romance
o telefone não toca
tento não comer biscoitos recheados de chocolate Nestlé
e não ligar para alguém que eu possa me arrepender
então ligo para quem nem quer atender
e como os calóricos biscoitos
para poder me culpar de algo
com guaraná Antarctica, que é nacional
e venho escrever mastigando
o guaraná estalando
e minha avó sofrendo lentamente na CTI do hospital.

24/02/04

FALE COM ELA

Aplacou-se a sede.

De certo que o meu antiplano
de oferecer meu dentro
às musas imaginário-distantes
(que não conheço não consigo e talvez nem queira conhecer)
não funcionou.

Mulheres terráqueas querem flores
jogos
versos simples
mentiras
e amores rimados:
não o caos que me queima o íntimo.

Aliás, nem queima mais
cansou de arder
agora, apagado
é quase ordem nesta noite úmida de poesia alegre de versos compridos...

Um não me bastar duvidoso
olha sorrindo o telefone silencioso
os dentes da vida
sem raiva
com tempo (tempo é preciso e precioso!)
e vai ao cinema sozinho.

O acaso sempre vence.

Não luto
não forço nada:
se colher a solidão total daqui por diante
me habituarei a ela
estarei comigo
e falarei com ela.

28/02/04

OPÇÕES

Os tentáculos
do sistema
me envolvem
me abraçam...

Tenho espada.

Fugir é fuga?
Ficar é fuga?

Não tenho pressa...

08/03/04

ADEUS, EMPREGO

Cortei.

Basta agora
embainhar a espada
e ouvir o deslizar do tempo
sem as agruras de semear o vindouro.

Sem medo e sem
semeadura:
prazer no presente.

(Todos nós continuamos aqui.)

12/03/04

MEDO E CAPITAL

Bebe, come e engorda
o capital do medo.

O berço balança
com explosões terroristas
e crianças fuzilando crianças
nas escolas da Liberdade.
(com as armas de pais com medo em suas casas trancadas)

O capital
bebe do medo
come do medo
engorda do medo.

Caem prédios, explodem trens:
magros loucos desorientados facínoras fanáticos fascistas...

Façamos seguros...
Seguro-saúde, seguro do carro, seguro-desemprego, seguro da casa...
Façamos seguros, que o pânico tem família para criar
e cair nas mãos do amanhã não é seguro.

O medo está com obesidade mórbida.
E quanto maior, mais come.

O medo vende jornal
dá ibope
deixa mais medo em cada um
e se enche de dinheiro amedrontado
para poder comer mais
e dividir menos.

Amo muito tudo isso...

17/03/04

RECREIO

A Fábio Neto

O mar é grande como amar.

25/03/04

A PEDRA LISA

Não sei
nem quero saber
o que é a quaresma.

Comemoro
no entanto
o instante
o agora
o pé na areia morna
o som do mar
o som do rio
o verde da montanha
o Deus interno
e a sagrada procura
do eu.

Sem pressa:
o tempo
é meu templo.

Não sei
nem quero saber
o que é a quaresma.

03/04/04

PALAVRA É MAIS QUE SANGUE

Ouçó o Réquiem de Mozart
e cuspo culpas
cristãs
acumuladas
repetidas
e ensinadas
cruz abaixo.

Não, eu não participei
nem gozei
no pecado original
ou na Santa Inquisição.

Não tenho
o ouro
do Vaticano.

E nunca ofereci
a outra face
para uma porrada certa.

Mas me dou
o direito
ao presente: o presente:
prazer e pranto.

Basta-me eu
Deus
basta-me eu.

(Estou
mais perto
do que nunca
de ser).

Abraço-me
a Ti
em mim.

(Choveu
quando Mozart
morreu).

11/04/04

APONTAR

O que é o louco
sem o olho
do outro?

17/04/04

LIVRO

Um livro bom é espelho
aonde a gente se vê
é o caminho do meio
de quem escreve e quem lê.

25/04/04

CONSELHO LIBERTÁRIO

Tome cuidado
com o cuidado.

24/04/04

ALQUIMIA

Misturo o limo da árvore
ao lume acima das nuvens
pois chove.

CAPA VERMELHA

A Rosália Milsztajn

Para não falar de nada
escreverei vermelho.

Em algum lugar
uma lua fria
de abajur ausente
ascende.

O do carro
de bombeiro
evitando
fogo no sangue.

Faz-se silêncio na solução.

A luz da ambulância
ânsia ânsia ânsia
de chegar.

O vidro pisca.
A rua brilha.

Sinal vermelho
como minha cama
que arde e chama.

Sirva gelado.

25/04/04

Não precisamos mais de carrinhos:
temos palavras.

24/04/04

ROLANTES

Sentado à mesa do shopping
com um poema no palato
constato:
desconhecia
que desconhecia
tanta gente.

(E ainda quero comprar uma caverna.)

26/04/04

RELEITURA FRIA EM QUARTO ÚMIDO

*O aparelho de ser inútil estava jogado no
chão, quase coberto de limos (...)*
Manoel de Barros (O guardador de águas)

Deus me sorri nas pequenezas:
crescem fungos
justamente
nas folhas do Manoel de Barros.

28/04/04

ESCREVER LAVA

Geralmente é quando leio
que o silêncio crepita distante.

É preciso então parar.
Prestar atenção:

Uma folha em branco
para conter a luz
antes que se perca
no escuro labirinto do momento.

Sinto
no ar seco
a invisibilidade
a que aspiro.

E na catedral inexistente
acendo uma vela imaginária
com a palavra.

27/04/04

MULHER DE CAMISA BRANCA E VERMELHA NO SESC DE MADUREIRA

Mesmo com todo esse Budismo
ainda consigo
me apaixonar pelo impossível.

15/05/04

CHAMADA

Ah, presente agora
é o agora!

Pois agora
o presente (há presente)
não é uma palavra no papel:
é agora. Sem agouro. Agora.

Além? Nada.
Basta.

04/05/04

CONSIGO?

A vida passava (rápido)
e passava a vida (rápido)
a tentar não mergulhar
na solidão.

Quando cansou de lutar
na água não tão gelada
fez sua morada.

E todo dia respirava
e tomava chá consigo
às 5 da tarde.

12/05/04

GANHOS E PERDAS

A Lya Luft

Sigamos escrevendo
o que precisamos – nós mesmos
ler.

(E talvez algum leitor...)

Quem sabe neste emaranhado
de idéias e sonhos e livros
por baixo das infinitas máscaras
conseguiremos ser?

17/05/04

MATRIX

Devo estar mesmo
sendo eu:
me pararam na blitz.

15/05/04

COMER O PASSADO FRIO

A Sting

Sopra o vento leste
dança o mato oceano
verde como o passado:
desfaz-se
cada uma de minhas mãos solitárias
nas estátuas de amigos ausentes
ao pó, ao ar, sobre a plantação
de nada.

Minha amada endividada lá no sol silenciosa...

E meu pai acha
que não trabalho.

24/05/04

MOTIVO PARA CRESCER

O mundo é grande
demais
para mim.

24/05/04

AUTOBIOGRAFILHA ALHEIA

JANEIRO:

Era sábado. Sentei-me ao lado esquerdo do demônio. As luzes se apagaram. Fez frio. Senti que se iniciasse o ritual de conquista com o ser a minha direita, eu morreria. Era um demônio, cacete!

Ia morrer, então. Estava muito frio e eu não era eu. Não era mais eu. Eu estava morto. Meu peito se abriu e muitos corvos saíram voando e atravessando as paredes. Ninguém notou: estava escuro (e frio). Os pássaros saíram para anunciar a minha morte e pedir socorro. Ninguém ouviu: estava escuro (e frio). Sorri levemente. Eu estava pronto, e comecei.

O demônio não quis meu beijo, mas alisou a minha mão. Ao menos o filme era bom. Horas depois, gastei mais dinheiro com comida e gás (sim, meu carro é à gás agora, pois tenho que me adaptar ao meu baixo salário) e subi em seu apartamento alugado num velho prédio de Copacabana. Fui pra varanda.

Nunca vi tantas pessoas solitárias nos prédios adiante. Que vidas vazias abertas expostas frias duras estranhas... Dava para ver até os seus olhos. Olhos secos que nem se importam mais em fechar as cortinas. Olhos que pareciam meus, atrás dos vidros.

O capeta era rico. Era um fato. Era de família nordestina podre de rica. O quanto isso pode ter me influenciado, junto com o excomungado do Henry Miller? O que fazia eu ali? Estaria eu tentando algo com um ser demoníaco apenas porque era rico e sabia ler e filosofar? (O oposto de minha ex, pobre e bela, que também sabia ler e filosofar?) O que fazia eu ali? O padrão que a sociedade queria me empurrar eu estava aceitando? O que fazia eu ali? Me vi demônio.

O outro demônio não-eu chamou para ver TV na sua cama e não quis meu beijo. Comi pizza (a única porra que ela pagou nessa história) e fui logo embora. Impossível comer um demônio fugidio... Se irritou porque eu comi pizza e fui logo embora e me ligou noite afora. Queria que eu investisse nele muitos alisamentos de mão e abraços até conquistar um beijo... E muitos calorosos beijos contidos até conquistar uma foda... E muitas fodas até que o nosso lindo e divino amor com lantejoulas morresse, como sempre acontece. Achei o caminho meio longo, ainda mais se tratando de um demônio.

Mas era um demônio angelical e romântico como eu um dia fui. Nem senti raiva. Só vou pensar duas vezes antes de marcar encontros com demônios. Bastam os meus internos.

FEVEREIRO:

E eu aqui na minha adolescência aos 30 anos, falo 3 idiomas, 2 faculdades, domínio de informática, blá, blá, blá... e só aparece emprego onde eu não consigo usar NADA disso e ganhar pouco. Contratam graduados para fazer funções técnicas possivelmente porque o ensino técnico seja ainda pior que o das faculdades... E olha que fiz pública!

Ando pelo metrô notando a expressão de semimorte nos olhos das pessoas dentro desse maldito sistema...

E se você ganhar mais, vai gastar mais. Continuará tudo na mesma. Só queria poder juntar um pingo de grana pra ter a esperança de morar sozinho algum dia aos 80 ou 90 anos. Mas o futuro não existe. O passado não importa e tudo que há é a porta do agora, que se deve abrir com PAIXÃO. O que é a vida sem paixão? É a expressão das pessoas no metrô... Deve haver mais. Tem que haver mais!

Estou a um passo de chutar o balde, largar tudo e viver de arte, nem que seja mendigando a venda de xerox de poemas por 2 reais! Já abandonei meu relógio de pulso do pulso: o primeiro passo. Tento não ver TV. Gasto pouco, economizo pouco e vivo pouco. Estou a um passo de sair da Matrix e acordar. Aulas particulares, revisões de texto, mendicância... vou tentar viver disso. A data é março. Interessados entrar em contato por email, pois meu celular é da empresa.

ABRIL:

O estranho é que é o mesmo quarto, e estou sozinho nele novamente. Sem relógio, celular ou emprego. No entanto, só consigo sentir coisas positivas. A noite já chegou lá fora. Famílias jantam em suas casas. Alguém sentirá a felicidade quente e sem motivo que passa por essa fase da minha vida?

Deixo Saramago um pouco de lado, para viajar comigo mesmo. Olho as estantes, livros, fitas VHS, quadros e lembro de detalhes mínimos ligados a cada objeto. Ouço música clássica. Não tenho pressa, nem fujo dos pensamentos que vão se encadeando tranquilamente, lembranças alegres que trazem ao quarto iluminado de amarelo pela lâmpada central pessoas com quem me minha alma se encontrou em profundidade alguma vez e, por isso mesmo, ainda levo sua luz comigo.

Aprecio pela primeira vez o teto irregular de que sempre desgostei. As sombras das estalactites de cimento, as marcas das tábuas que foram a base para o teto certa vez. Pode-se imaginar perfeitamente a madeira olhando-se sua obra. Será o mesmo com os escritores? Será que dentre as ranhuras das obras dos poetas fingidores como Pessoa, olhando com calma, podemos ver sua essência, sua verdade?

Sinto como se houvesse dentro de mim uma grande transformação, como se castelos e muros estivessem caindo e uma grande e calma floresta ganhasse terreno. Do lado de fora, percebo que sempre tive asas, mas nunca as havia usado. Talvez por tanto procurá-las racionalmente. É hora de escrever, sair da gaiola...

Sanhaços e sabiás cantam mais à tarde que pela manhã. Ou talvez eu ouça mais após o almoço. O pé na estrada de barro é uma sensação boa. O motociclista que passa não me entende. Saio sem carro nem barro. Estrondo estranho o da moto. Estranho eu. Silêncio.

O corredor era longo e cinza. Faraônica faculdade pública... Seus passos ecoavam pelas paredes que pareciam infinitas. Ane era triste. Antes de tudo, triste.

Por mais que se escondesse atrás de sorrisos, por mais que falasse, acenasse, circulasse, conhecesse a todos – literalmente todos... Por baixo, era só, e não gostava de ser só.

Da faculdade para a academia, da academia para o estágio, do estágio para casa. Em casa, não havia para onde fugir de si mesma. Por isso, evitava a casa, ia pra barzinho com amigas ou boates sempre que podia. Não se pode parar numa fuga. “Dormir é perder tempo.”, se enganava quase consciente de que se enganava.

Ane percorreu estranhamente vagarosa o final do corredor, quase chegando ao hall dos elevadores. Parou. Voltou-se para a sacada. Pulou. Era tarde.

Quando o sol tocava sua pele, o mundo, a vida, tudo fazia sentido. O pé na areia morna era como um fio-terra, eliminando de seu sinuoso corpo toda a energia negativa acumulada durante a semana de trabalho no escritório. Secretária. A seu lado, o namorado olha o mar.

- Me beija, diz ela.

Ele se aproxima.

- Não, não quero qualquer beijo. Quero um beijo total, uma entrega, um toque de almas e línguas...

- Não sei fazer isso. Sei beijar, Andréa. Só.

- Não me basta. Não quero só isso... E pensando bem, não quero mais você.

Olhou para a areia talvez para evitar os olhos dele, estranhamente silenciosos.

- Não me procure mais.

Levantou e foi para casa. Na segunda, largou o emprego. Estava insatisfeita com sua insatisfação constante, total, eterna... Insatisfeita consigo mesma por não tentar mudar, fazer o que gostava...

Hoje Daniela mora em Copacabana, vive na praia e faz o que mais gosta para viver, sem o menor problema ou dilema moral: faz sexo. Só lhe falta um homem que beije com a alma.

Que diabos quero eu fazer como esses textos sem conexão e curtos demais? Estou sempre correndo atrás de um romance, pois pode ser que venda (diferentemente das poesias) que acabam virando contos desconexos, curtos e ruins.

Essas estrelinhas seriam capítulos? *** Três para dar sorte:

O OUTRO: O ENIGMA

Cheguei aos céus de mim
ao topo da montanha do Nirvana
onde o silêncio dança com o vazio no escuro
e brilhei...

Para quê?

Qual a utilidade de um brilho
tão alto que ninguém vê?

26/05/04

VAZIO

Ando tão sozinho
que me apaixonaria
por um poste
ou um pastel
(depende dumas letras).

Trago um traste
sob os ombros encolhidos
e a face (alheia) ri.

Filosofo.

O olho de dentro
geme - espelho quebrado:
ver-se não basta
é preciso ser visto.

É preciso outro olho
é preciso outro espelho
para ser?

- Nesta noite
onde me encolho
é.

(Com toda a análise
com toda a yoga
como voltei?)

28/05/04

TEMPO

A Salvador Dali

O presente foge
escapa das mãos tentando abrir
embrulhado estômago
corre pelas pernas longas que não param...
(atrás de muletas)

Átomos de Césio tentam nos acalmar
medindo precisos segundos preciosos
que, mesmo assim, passam
a derreter relógios.
(o olho do novo é o ovo)

30/05/04

Caro(a) Leitor(a),

A poesia, para estar viva, precisa de olhos. Não basta o papel. Obrigado pela leitura.

Este é um trabalho independente e gratuito, que pode ser distribuído pela internet.

Se tiver gostado, mande aos seus amigos. Caso contrário, aos inimigos... 😊

Uma das coisas de que mais gosto é ver estes versos se espalhando como vírus pela grande rede...

Um grande abraço e obrigado mais uma vez,

Fabio Rocha

e-mail: fabiorocha@fabiorocha.com.br

site: www.fabiorocha.com.br